***Luzia*, obra do artista brasileiro Felippe Moraes ocupa a Universidade de Coimbra e aborda a tragédia do Museu Nacional.**

Em setembro de 2018 um enorme incêndio destruiu 90% do acervo do Museu Nacional na Rio de Janeiro. Um dos artefatos perdidos mais importantes foi o crânio de Luzia, considerada a *Homo Sapiens* mais antiga já encontra no Brasil. Durante a Semana Cultural da Universidade de Coimbra, o artista brasileiro Felippe Moraes projeta o nome Luzia nas paredes do Museu da Ciência da Universidade, que após o incêndio no Rio de Janeiro, tornou-se o maior acervo de história natural do mundo Lusófono.

Na instalação, que será inaugurada no dia 01 de março e ficará exposta até 12 de Abril, Moraes faz uma homenagem a essa figura potente no imaginário científico brasileiro e uma nota crítica sobre o descaso com as instituições de pesquisa no Brasil. O texto curatorial da obra é assinado pelo pesquisador brasileiro Bernardo de Britto.

A projeção se dá em um anfiteatro vazio e com iluminação reduzida na Galeria de História Natural. A luz que descreve o nome de Luzia na parede evoca o sentido de “luminosa” na origem do nome e também o Iluminismo que motivou o estabelecimento da coleção em 1772. O artista também discute o obscurantismo que afeta boa parte da sociedade brasileira e que se reflete em uma negligência governamental e consequente desmonte das instituições científicas e culturais do país.

Felippe Moraes, que é doutorando em arte contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra diz que: “O trabalho fala sobre esse momento de endurecimento brasileiro e sobre o símbolo trágico que um incêndio em um museu representa. É quase como se o fogo fosse a materialização de um sentimento maior de calar a história e a ciência. Entretanto, Luzia, sendo uma mulher que resistiu 12.500 anos soterrada, pereceu sob o incêndio e agora está sendo reconstruída pelos cientistas é o símbolo de resistência que as minorias precisam para não deixar de acreditar e lutar. Nós sobrevivemos antes e vamos continuar existindo e resistindo cada vez mais.”

A obra faz uma nota sobre as relações históricas, científicas e simbólicas entre Brasil e Portugal. A menção a essa mulher ancestral evoca a potência e soberania das Américas pré-colombianas e sugere a revisão da narrativa dos chamados “descobrimentos”. Além disso chama atenção à manutenção e divulgação do Museu da Ciência e de outras instituições como herdeiros do legado científico perdido no Museu Nacional.

 **Luzia – Felippe Moraes**

De 01/03 a 12/04 de 201
Segunda a Domingo, das 10H00 às 18H00
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra – Galeria de História Natural
Contatos: 239 857009 | museuacademico@uc.pt
[www.felippemoraes.com](http://www.felippemoraes.com) | email@felippemoraes.com

Bilhetes
5,00 € Geral
3,50 € Estudantes < 26 anos; ≥ 65 anos
2,50 € Crianças ≥ 13 anos acompanhadas pela família
10% Desconto portadores Centro card
Grátis Docentes, alunos e funcionários da UC; < 13 anos; sócios do ICOM, APOM e MC² P

Texto Curatorial

**LUZIA**

Luzia é o nome dado à ossada humana mais antiga encontrada na América do Sul. Pertenceu a uma mulher na casa dos vinte anos que viveu na região onde atualmente se encontra o estado Minas Gerais, no sudeste brasileiro, há cerca de 12.500 anos. Em setembro de 2018 um incêndio de proporções assustadoras destruiu a maior parte da coleção do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, onde se encontrava seu esqueleto. A instituição, que acabara de completar 200 anos, vinha há décadas sofrendo com falta de verba e manutenção necessárias para abrigar e conservar a coleção de história natural mais antiga e importante do mundo lusófono. Mais do que uma tragédia anunciada, o incêndio que privou a humanidade de 90% de um acervo que continha registros e estudos de línguas ameríndias já extintas, uma vasta coleção de egiptologia e de espécimes da fauna e flora brasileiras, se apresentou como um crime à memória.

No entanto, *Luzia* (2018-2019), do artista brasileiro Felippe Moraes, vai além de uma homenagem ao acervo de um museu destruído. Este artefato arqueológico é uma das principais fontes de estudo para se entender a primeira onda de migração populacional para a América do Sul ocorrida há cerca de 16.000 anos. Elevando este nome na parede do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, o artista adiciona milhares de anos de história da população sul-americana à esta instituição. Luzia, que em sua etimologia significa luminosa, está projetada em luz à penumbra de uma das salas da ala de história natural do museu. A luz que projeta seu nome não ilumina somente dados históricos e o espaço físico, mas nos traz, simbolicamente, a ideia de uma mulher como força originaria, que com sua existência desvela a história da população de um continente.

A história da humanidade, escrita maioritariamente por conquistadores, sempre se preocupou em ocultar e desumanizar os conquistados e oprimidos. Mas é preciso entender a urgência de se contar uma história mais antiga. Vivemos em tempos sombrios onde a negação da evolução, da ciência e da história das minorias é incentivada por governos conservadores espalhados pelo mundo. O trabalho de Felippe **Moraes** vislumbra iluminar Portugal com a força ancestral de Luzia, revelando o valor histórico de uma América do Sul soberana por milhares de anos e livre de qualquer conquista europeia. Um resgate histórico que só se tornou possível através da evolução da ciência.

Nos destroços do museu nacional brasileiro pesquisadores conseguiram resgatar 80% do seu crânio. Luzia não tem interesse em ser apagada, esquecida ou destruída apesar do descaso e de todas as tentativas para que isso aconteça. Ela resistiu mais de 10.000 anos soterrada, a um incêndio devastador e continuará resistindo e iluminando a existência de Marielles, Matheusas, Claudias e Marianas, que persistem e não se cansam de, no feminino, trazer para a humanidade um senso de história, verdade e conhecimento.

**Bernardo de Britto**
Fevereiro de 2019